

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS NA CONSTITUIÇÃO DE UMA PROFESSORA QUE ENSINA CIÊNCIAS NA AMAZÔNIA: PALAVRAS, FRESTAS E CONTAMINAÇÕES

Ana Maria Xavier da Silva Neta 1

Mônica de Oliveira Costa 2

Daniela Franco Carvalho 3

Monica Silva Aikawa 4

Esta escrita é um recorte de uma dissertação em andamento, propõe-se refletir sobre a constituição de uma professora que ensina Ciências na Amazônia, mobilizando narrativas autobiográficas inspiradas por Manoel de Barros e autores do campo da Filosofia da Diferença. Como contar uma docência que se faz no entrelaçamento de vida, território e escrita de si? De que maneira experiências formativas podem constituir modos outros de ensinar e pesquisar Ciências? Em um percurso formativo vivido em uma disciplina do mestrado, em meio a uma turma composta inteiramente por mulheres, evidenciam-se frestas que desafiam o modo hegemônico de formação docente. Em um espaço de escuta e partilha que convida a ver outros modos de existir, inspirados no tempo-corpo-coruja: uma vigilância atenta ao menor, ao detalhe, ao que escapa. O texto se articula à ferramenta da escrita de si foucaultiana, como prática de invenção e cuidado, onde curar o si torna-se movimento de pesquisa, criação e presença. A vivência se deu em aulas em que a palavra e o silêncio, a natureza e a escrita abriam possibilidades de constituições docentes. Por entre colagens de encontros com a floresta, com o feminino e com outras mulheres pesquisadoras, delineia-se uma docência viva que assume devir como potência. Foi possível transver o mundo e (re)inventar uma docência que emerge dos detalhes, do menor e do entre. Nesta escrita, a pesquisa se faz em contaminações entre vivência, território e escrita, assumindo uma ciência em devir, mais próxima da vida, da Amazônia e do que escapa às formas instituídas de saber.

Palavras-chave: Filosofia da Diferença, Ensino de Ciências e Amazônia.

CURAR O SI

Como narrar uma docência que se faz no entrelaçamento de vida, território e escrita de si? Essa pergunta mobiliza a escrita, que nasce da experiência de uma professora que ensina Ciências na Amazônia e encontra, na própria vivência, matéria de pesquisa e criação. Inspirada pelas obras de Manoel de Barros e pelos filósofos Foucault, Derrida e Deleuze, a narrativa se move por frestas, pequenos gestos e sutilezas, onde os lugares, o ensino se torna acontecimento e o pensar se mistura ao sentir.

A partir de uma disciplina do mestrado intitulada Narrativas Autobiográficas na Formação de Professores no Ensino de Ciências (curar o si), vivida em uma turma de



mestrado, composta por mulheres, vivenciamos um espaço de escuta e partilha. As fronteiras entre o que se ensina e o que se vive foram sendo deslocadas, abrindo caminhos para a invenção de si e para a (des)invenção da docência. Em meio a conversas, leituras e experimentações, instaurou-se um tempo-outro. Nomeamos como tempo-corpo-coruja, pois é aquele que vê no escuro, que percebe o detalhe, o menor, o quase imperceptível.

Temos um campo fértil para o ensino e a pesquisa em Educação, uma vez que desloca o foco da representação e da identidade para o movimento, a multiplicidade e o devir. Como afirmam Deleuze e Guattari (1997, p. 9), “não há sujeito, mas agenciamentos coletivos de enunciação”. O conhecimento e a docência são compreendidos como produções situadas, atravessadas por afetos e por forças heterogêneas.

Derrida (1991) contribui para o deslocamento ao propor a desconstrução como gesto de leitura e escrita que abre brechas no pensamento, permitindo que o não-dito, o residual e o fragmentário ganhem voz. As palavras e os silêncios, a natureza e o corpo, o pensamento e a sensibilidade se tornaram companheiras no processo do devir, compondo uma pedagogia do cuidado e da atenção ao que escapa. Curar o si, nesse contexto, significou abrir-se à experiência e deixar-se afetar por ela, transformando o próprio ato de ensinar em movimento ético-estético de pesquisa e de vida.

Assim, o que se produziu foi além de palavras: foram respiros, fragmentos, versos, registros de uma docência viva e em devir, que se faz na relação entre mulheres, natureza e escrita. Nessa tessitura, a pesquisa se configura como experiência sensível e política, atravessada pela Amazônia e pelas múltiplas formas de existir que nela habitam. Ensinar Ciências, nesse contexto, é também aprender a escutar o mundo, as árvores, os rios, as histórias, e reconhecer que há saberes que não cabem nas formas instituídas do conhecimento, mas que persistem nas margens, no entre, no silêncio que a coruja vigia.

Dessa forma, este texto busca narrar uma experiência de formação docente que transborda a sala de aula e se inscreve na vida, compondo um modo outro de pensar o ensino de Ciências, mais humano, mais sensível e mais amazônico. Uma ciência em



devir, que se faz junto com a floresta, com o feminino e com o próprio gesto de escrever-se.

DEVIR- MÉTODO: UMA PESQUISA QUE SE FAZ NO ENTRE

Esta escrita se inscreve no campo das abordagens pós-críticas em Educação, assumindo a narrativa autobiográfica como gesto metodológico e ético-político de produção de conhecimento. Balizada na filosofia da diferença, a investigação não busca a fixação de verdades, mas a abertura de sentidos e a invenção de modos de existir, ensinar e pesquisar. Para Oliveira, Costa e Aikawa (2023, p. 7), o trabalho com narrativas autobiográficas na formação docente constitui “um campo de experimentação que rompe com o modelo linear de ensino e pesquisa, abrindo-se às instabilidades, aos cortes e aos não-ditos”. Nesse sentido, o ato de narrar não é entendido como reconstrução de um passado estável, mas como criação de uma versão possível de si, que se reinventa no gesto da escrita.

Segundo Foucault (1984), o cuidado de si não é uma técnica de introspecção, mas uma prática que envolve atenção, transformação e resistência aos modos instituídos de subjetivação. Assim, o método não se estrutura como sequência de etapas rígidas, mas como um exercício de vigilância e invenção, em que a escrita opera como dispositivo formativo. Escrever, neste contexto, é uma forma de se implicar com o vivido, de curar-se e de se criar em relação com o mundo.

O campo da pesquisa foi uma disciplina do mestrado em Educação intitulada Narrativas Autobiográficas na Formação de Professores no Ensino de Ciências (curar o si), composta por mulheres. (já apareceu anteriormente) As aulas ocorreram em diferentes espaços da Universidade, incluindo o ambiente de mata da Escola Normal Superior (ENS), onde as práticas se integravam à escuta da floresta, dos sons e do tempo amazônico.

Durante a vivência, foram realizadas rodas de conversa, leituras compartilhadas, atividades de criação artística e registros poéticos, que se constituíram como matérias de análise e escrita. Uma das experiências centrais foi a elaboração e condução de uma aula ao ar livre, inspirada no poema O Apanhador de Desperdícios, de Manoel de



A análise das experiências foi pela cartografia Deleuze; Guattari (1997), compreendida como acompanhamento de processos, rastreamento de afetos e registros de deslocamentos. A escrita se fez, assim, no modo de colagem, juntando fragmentos de falas, sensações, textos e memórias, compondo uma narrativa que se inventa ao mesmo tempo em que narra. Como propõe Deleuze (2006), pensar e pesquisar são atos de criação: “não se trata de representar o real, mas de produzir novos possíveis”.

Pensar o ensino de Ciências na Amazônia e formar-se docente não é um ato linear, nem uma construção acabada, mas um processo de criação contínua. A formação docente se torna acontecimento, movimento e devir, atravessada por experiências, afetos e encontros. Nesse sentido, os referenciais que sustentam esta pesquisa, Foucault, Deleuze, Guattari, Derrida e Manoel de Barros, se entrelaçam na tentativa de produzir uma escrita que não se limita a explicar o real, mas que o experimenta, o dobra e o reinventa.

Filosofia da Diferença, conforme elaborada por Gilles Deleuze e Félix Guattari, rompe com o pensamento representacional e propõe uma ontologia do movimento, da multiplicidade e da criação. Para Deleuze (2006), pensar é um ato inventivo: “pensar é sempre experimentar, é traçar linhas de fuga, é criar” (p. 222). Assim, a docência é compreendida como um campo de experimentações, onde ensinar e aprender se tornam gestos criativos e abertos à diferença. Deleuze e Guattari (1997) chamam de agenciamentos essas redes de relações, afetos e forças que produzem modos singulares de existência. Nessa concepção, o professor não é apenas mediador do conhecimento, mas um corpo em devir, implicado nas tramas da vida e do território.

Na Amazônia, essa perspectiva ganha ainda mais potência, pois o ensino se faz em meio à floresta, aos rios e às comunidades que guardam saberes ancestrais e modos



plurais de viver. O conhecimento científico, quando deslocado de sua rigidez, pode se abrir à escuta do território e reconhecer que “as verdades” da ciência são também produções situadas, localizadas. Assim, a filosofia da diferença oferece ao ensino de Ciências um caminho que valoriza a experiência, a multiplicidade e o sensível como potências epistemológicas.

Michel Foucault (1984), ao tratar do cuidado de si, aproxima a formação da ética e da estética da existência. O sujeito, para ele, não nasce pronto: é produzido a partir de práticas, exercícios e modos de se relacionar consigo e com o mundo. O cuidar de si é, portanto, uma prática de liberdade, um modo de resistir às formas normativas de subjetivação e inventar outros modos de viver. No contexto da formação docente, essa prática se atualiza na escrita, que funciona como dispositivo de escuta e criação. Escrever-se é curar-se, é elaborar-se, é tornar-se outro. Foucault (1994) afirma que “a escrita é o lugar onde o sujeito se põe à prova, onde ele se transforma e se constitui em sua relação com a verdade”.

Ao narrar-se, o docente transforma a própria experiência em campo de pesquisa e reflexão. A escrita de si, portanto, é um gesto político e formativo, pois rompe com o discurso universal e dá lugar ao singular, ao sensível e ao corpo. Oliveira, Costa e Aikawa (2023, p. 7) reforçam essa compreensão ao afirmarem que as narrativas autobiográficas na formação de professores “se inscrevem em práticas pós-críticas que desestabilizam a ideia de uma verdade única, convocando as educadoras a se verem como autoras de si”.

A escrita, neste contexto, aproxima-se também da desconstrução proposta por Derrida (1991), que compreende o texto e o sujeito como tecidos de diferenças, onde o sentido nunca se fixa, mas está sempre em movimento. Derrida nos ensina que escrever é abrir brechas, permitir que o não-dito e o residual possam emergir. Esse gesto desconstrutivo é fundamental para o campo educacional, pois permite olhar o ensino não como reprodução de verdades, mas como espaço de multiplicidade e reinvenção. A docência amazônica, quando se abre a esse olhar, deixa de buscar fundamentos estáveis e passa a acolher o instável, o híbrido, o que se faz nas margens justamente o que escapa às formas instituídas de saber.



É nesse ponto que Manoel de Barros atravessa a pesquisa como uma força poética e epistemológica. Sua poesia é, ela mesma, uma filosofia da diferença: um modo de ver o mundo a partir do ínfimo, do insignificante, do que sobra é do que escapa. Em O apanhador de desperdícios, Barros (2013) afirma ser necessário “transver o mundo”, isto é, enxergar para além daquilo que a luz da racionalidade científica costuma iluminar. A poesia, assim, ensina a olhar o que o olhar apressado não vê: o som das árvores, o voo das corujas, o silêncio dos rios, a presença das mulheres.

Essa poética dialoga diretamente com o gesto foucaultiano do cuidado, com a desconstrução e com a filosofia do devir deleuziana. Todos esses referenciais, cada um à sua maneira, convidam a um mesmo movimento: o de abrir-se à diferença, ao detalhe, ao fragmento, ao menor.

ISSN: 2358-8829

ENTRE VIDA, ESCRITA E TERRITÓRIO

Os resultados desta pesquisa acontecem como narrativas de uma experiência não com produtos acabados, mas como rastros e movimentos de uma docência em devir. Durante a vivência foram instauradas práticas que deslocaram o sentido tradicional de ensinar e aprender.

As aulas tornaram-se espaços de escuta e invenção, atravessadas em constantes devir, em atos corporais, poéticos e reflexivos. A proposta de atividade realizada com o poema O Apanhador de Desperdícios, de Manoel de Barros, exemplifica esse deslocamento: o exercício de “transver o mundo” convidou as participantes a um olhar que ultrapassa a razão e se aproxima da sensibilidade, do ínfimo e do que normalmente é considerado inútil.





ISSN: 2358-8829

Imagem: Acervo pessoal.

A aula proposta e realizada entre bambuzais foi um acontecimento de aprendizagem estética e ética. Inspiradas pela poética de Barros e pelo conceito foucaultiano de cuidado de si, as participantes foram levadas a observar o ambiente, recolher elementos da natureza e escrever a partir daquilo que as afetava. O gesto de recolher e narrar, nesse contexto, se tornou um exercício de presença, uma forma de ver o invisível, de ouvir o silêncio, de tocar o impalpável.

Esse tipo de experiência materializa o que Deleuze e Guattari (1997) denominam devir, movimento que rompe com a fixidez das identidades e abre a possibilidade de novas formas de existir. As professoras, ao escreverem sobre suas percepções, não apenas descreveram o que viram, mas se viram como tal descrição. As escritas revelaram o surgimento de um outro modo de olhar para o ensino de Ciências, menos voltado para a transmissão de conteúdos e mais atento à relação entre corpo, natureza e



ISSN: 2358-8829

conhecimento.





Imagem: Acervo pessoal.

Foucault (1984) nos ajuda a compreender que esse processo é, ao mesmo tempo, ético e estético: cuidar de si implica criar a si, elaborar-se como obra de arte. As narrativas produzidas pelas participantes apontam para esse movimento, evidenciando o modo como a formação docente pode ser pensada como prática de liberdade. Ao se verem como autoras de suas histórias, as educadoras deslocaram o olhar sobre o próprio papel na escola e na vida, assumindo a docência como um modo de existir e não apenas como uma função profissional.

Derrida (1991), ao propor a desconstrução, ensina que o sentido está sempre em movimento. As narrativas das professoras confirmam isso: nelas, o ensino de Ciências aparece não como um campo fechado, mas como um espaço de múltiplas leituras e traduções. Em uma das escritas, uma professora descreve o instante em que percebeu “o som do vento nas folhas do bambu como se fosse uma respiração”, sentindo uma aproximação com a linguagem poética e com uma escuta do mundo não-humano. Essa escuta, que foge à lógica da ciência moderna, expressa o que Barros (2013) chama de “desver o mundo”, aprender a ver o que sobra, o que não serve, o que a razão descarta.

A escrita vista, nesse contexto, não é apenas registrar o vivido, mas produzir o próprio viver. Oliveira, Costa e Aikawa (2023) afirmam que a escrita autobiográfica “é um dispositivo de formação que desloca o lugar do professor, convidando-o a pensar-se em relação ao mundo e não apenas diante dele”. Essa afirmação se concretiza no modo como as docentes passaram a se ver não como transmissoras do conhecimento científico, mas como parte de um ecossistema.

A Amazônia, com sua floresta, rios e vozes, deixa de ser mero cenário e passa a ser participante ativa do processo educativo. A docência amazônica, assim, emerge como um acontecimento relacional e situado, onde o ensino de Ciências se constrói em diálogo com a natureza e com a comunidade. Inspiradas por Deleuze e Guattari (1997), linhas de fuga, modos de pensar e viver a educação. Essas linhas se materializam nas pequenas invenções do cotidiano: no modo de observar um inseto, no gesto de iniciar a aula com uma poesia, no silêncio que antecede a fala. São micro-resistências que afirmam uma pedagogia do sensível e da diferença.

REFLEXÕES FINAIS: DOCÊNCIA, TERRITÓRIO E PRÁTICAS DE CUIDADO

Inspirada por Foucault (1984), a escrita de si foi compreendida como exercício ético de liberdade, uma prática que desloca o olhar e possibilita a invenção de novos modos de existir. Em diálogo com Derrida (1991), a vivência mostrou que a docência pode se constituir na diferença, no entre, nas margens do discurso dominante, produzindo sentidos que escapam ao controle e se abrem à multiplicidade. Em Deleuze e Guattari (1997), o devir aparece como força de movimento: ensinar e aprender tornam-se processos sempre rizomáticos, vivos.

Manoel de Barros (2013), trouxe à escrita como convite poético de “transver o mundo”. Esse gesto poético tornou-se também um gesto pedagógico. Ver o miúdo, o invisível, o que escapa, eis o exercício que a docência amazônica aprende com a floresta. Nessa perspectiva, ensinar Ciências não é domesticar o desconhecido, mas habitar com delicadeza o mistério do que ainda não sabemos nomear.

O exercício do curar o si foi de permitir que o sensível habitasse o campo da educação, que o corpo firmasse seu lugar de pensamento e que o ensino de Ciências se



tornasse também um exercício de poesia. As reflexões aqui tecidas não pretendem apresentar conclusões fechadas, mas abrir trilhas. Trilhar entre palavras, memórias e afetos é aceitar que a docência se escreve sempre em devir, no entre, no inacabado.

Assim, entre rios, florestas e escritas, o que permanece é a certeza de que ensinar na Amazônia é também aprender com ela, com seus tempos lentos, seus sons noturnos, suas corujas atentas. É fazer da docência uma poética da existência, um modo de ver o mundo a partir do detalhe, do mínimo e do que escapa. E talvez seja justamente aí, nesse espaço do entre, que a educação reencontra sua força de criação, sua potência de vida e sua possibilidade de (re)encantamento.

ISSN: 2358-8829

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) pelo apoio financeiro concedido por meio da bolsa de mestrado, que possibilitou a realização desta pesquisa. À Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia (PPGEEC), pela oportunidade de formação e pelos espaços de escuta, reflexão e criação que potencializaram minha trajetória acadêmica e pessoal.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior do que o mundo**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2006.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

OLIVEIRA, Caroline Barroncas; COSTA, Mônica de Oliveira; AIKAWA, Monica Silva. **Retrato da autobiografia enquanto coisa**. Revista ClimaCom, Ciência. Vida. Educação. n.24, p. 1 - 24, 2023.



ISSN: 2358-8829

